



REVISTA INTER-LEGERE: LEITURAS
OS PATINHOS FEIOS
LES VILAINS PETITS CANARDS



THIAGO ISAÍAS NÓBREGA DE LUCENA

Graduando em Ciências Sociais da UFRN. E-mail: thiagolucenaue@bol.com.br

Resenha do livro:

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Embora o título **Os patinhos feios** seja sugestivo, a obra em questão trata de uma reelaboração ou adaptação de uma fábula clássica ao cotidiano atual. O livro “Os patinhos feios,” do psicanalista francês Bóris Cyrulnik, desde suas primeiras páginas (ao todo são 215), brinda o leitor com histórias reais, fortes, tristes, porém reconfortantes e, porque não, emocionantes de pessoas que sofreram traumatismos psíquicos e as mais graves feridas emocionais, tais como: abandono, luto, abuso sexual, atentado, tortura, catástrofes... Violências de cunho físico e simbólico que acometem as relações sociais de milhões de pessoas em todo o mundo. Ele mostra que, mesmo nos casos mais terríficos, a recuperação é possível.

Nascido em Bourdeaux, na França, em 1937, Boris Cyrulnik, que é neurologista, psiquiatra e psicanalista abriu o campo de pesquisa em seu país à Etologia, ciência que estuda o comportamento tanto dos animais como dos homens, dentro de uma perspectiva pluridisciplinar, abrangendo a lingüística, psiquiatria, neurologia e biologia, além de ser reconhecido por desenvolver o conceito de resiliência. Atualmente é responsável pelo grupo de pesquisa em Etologia Clínica no Hospital de Toulon, e professor de Etologia Humana na “Université du Sud-Toulon-Var”. Possui cerca de duzentos artigos publicados sobre o assunto e é autor de 28 livros, entre eles **Murmúrio dos Fantasmas**, **Os Alimentos Afetivos: o amor que nos cura** e **Falar de Amor à Beira do Abismo**, já traduzidos para o português e publicados no Brasil.

A obra em questão é dividida em três momentos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Já na introdução nos é apresentado o conceito chave que permeia todo o livro e as principais obras do autor: a resiliência. Esse conceito foi emprestado da física, e, nesta ciência, diz respeito ao processo em que uma barra que é submetida a forças de distensão até seu limite elástico máximo, volta ao seu estado original quando essas forças deixam de atuar, recuperando-se. Tal conceito é aplicado por Cyrulnik para a compreensão das questões

psíquicas que envolvem os seres humanos, destacando que resiliente é o indivíduo que, submetido a traumas, golpes, estressores ou catástrofes, consegue se recuperar psicologicamente retoma sua evolução e não se torna vítima, pois desenvolve mecanismos de defesa adquiridos ainda na primeira infância. O diferencial desse livro é que ele discute a afetividade em tempos de racionalidade, de tecnologias e da busca por soluções práticas e rápidas.

A teoria da resiliência tem enfoque em diversas áreas do saber, tais como a pedagogia, psicologia, psiquiatria, saúde, serviço social e ciências sociais. O autor baseia seu estudo a partir do temperamento pessoal adquirido e desenvolvido nos primeiros momentos de vida; dos golpes e provações a que as crianças estão sujeitas; a representação do real nos discursos feitos pela cultura após o golpe; e ao possível apoio social a ser disponibilizado para a superação do trauma. Faz críticas a atuações nas quais os problemas ou golpes ainda são tratados com indiferença ou pouco interesse por parte da sociedade em geral. Para ele, se os governantes e as famílias, como um todo passarem a trabalhar o cuidado com a concepção e formação dos indivíduos em geral, um grande número de feridos conseguirá metamorfosear seu sofrimento para fazer dele uma obra humana.

O livro desenvolve-se em apenas dois capítulos gerais, repletos de subtítulos curtos que demarcam a entrada de novos assuntos e norteiam o leitor. O primeiro deles, A Lagarta, mostra a simbologia presente na concepção da criança, a forma como ela pode desenvolver, antes da fala, seus primeiros mecanismos de defesa internos (humor, criatividade) e como esses mecanismos podem ganhar força no contato afetivo com o triângulo parental composto basicamente por pai, mãe e filho. Porém, explica que o próprio “entorno sensorial” também pode vitimizar a criança e torná-la vulnerável quando representada negativa ou violentamente, fazendo com que ela não se sinta querida ou aceita.

No segundo capítulo, A Borboleta, entra em cena o recurso da fala e as inúmeras possibilidades de representação que surgem a partir dela. Com essa ferramenta, a criança passa a ser capaz de socializar o seu trauma e então, metamorfosear seu sofrimento. O termo metamorfose é utilizado correntemente no decurso da obra, pois o autor compara o processo de resiliência ao de transformação de uma lagarta que rasteja até o instante em que se torna borboleta e voa. Nesse momento do livro, o autor utiliza-se de exemplos concretos para demonstrar que, através da palavra, da ação, do engajamento social e, especialmente, das manifestações artísticas, o ferido pode obter controle sobre o trauma e transformá-lo em um acontecimento belo e aceito pela cultura. O psicanalista é enfático nesse ponto e propõe que as instituições (escolas, creches, orfanatos...) possibilitem às crianças a oportunidade de contar suas histórias através da arte para que consigam dominar a emoção e distanciem-se do

trauma, pois, além de ser um mecanismo de defesa precioso, também tem o mérito de ser proveitoso para toda a sociedade.

Segundo Boris Cyrulnik, qualquer pessoa pode “vir-a-ser” resiliente. As que conseguiram desenvolver um apego seguro ou comportamentos cativantes nos primeiros momentos de vida têm mais facilidade de metamorfosear seus sofrimentos; mas, mesmo as que não tiveram esse acesso poderão abrir suas asas, desde que tenham à sua disposição algum tutor de resiliência externo que pode ser o pai, a mãe, um outro familiar, um vizinho, um professor ou um amigo, que se disponha a ouvir atentamente a criança, compreendê-la e, principalmente, aceitá-la. Esses tutores serão platéia ativa nessa encenação da vida real, protagonizada e dirigida por quem a viveu na prática. A partir daí, o patinho feio transformar-se-á em cisne, e esvoaçará suas lindas penas, no mais belo lago da vida, onde todos o aceitarão de volta e o entenderão.

Como se vê, a resiliência tem aplicabilidade em vários ramos, mas convém alertar que seu conceito deve ser adaptado de acordo com a realidade em que é apresentada. Boris Cyrulnik vê os traumas a partir de seu consultório restrito ao primeiro mundo. No caso do Brasil e da América Latina, deve-se atentar para os golpes de ordem violenta vindas principalmente do seio de famílias que sobrevivem na miséria material e humana, onde as mazelas sociais são mais fortes e, de certa forma, incorporadas pela cultura. O autor defende que a criança para ser resiliente precisa ser criada dentro de uma relação triangular que inclua os dois pais, mas, não discorre a respeito dos filhos que são fruto de produções independentes – com apenas uma figura de apego – cada vez mais freqüentes na atual configuração de família. É importante evidenciar, ainda, que um traumatismo pode ser reparável, mas não reversível, a vítima reaprende a viver, mas não será como antes.

O leitor deve tomar cuidado para não classificar comportamentos adaptativos como resilientes. O ser humano possui estratégias de adaptação às perturbações pós-traumáticas que os fazem sofrer menos, mas essa adaptação pode ser custosa quando é feita através de submissão ao agressor, silêncio, recusa de se lembrar, renúncia em tornar a si mesmo, esfriamento afetivo ou delinquência.

Porém, vale salientar que a leitura da obra é prazerosa. Possui frases bem construídas que não necessitam de conhecimentos prévios para ser lidas. Além disso, é permeada por casos reais ilustrativos que fazem com que o leitor consiga fazer ligações com casos próximos. Suscitará inúmeros debates no campo científico, pois pode ser consultada por profissionais da psicologia ou psiquiatria, como também por educadores, pedagogos e ainda por pais e demais pessoas que estejam dispostas a tecer ou fortalecer uma malha resiliente e evitar a reprodução

de traumas na vida de crianças e adolescentes. Também, pode ser consultada por profissionais da área das ciências sociais que lidam e pesquisam sobre a violência e traumas.